



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2460 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 22 - Educação Ambiental

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MOVIMENTOS DE RE-EXISTÊNCIAS NA UNIVERSIDADE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O CAMPO PROBLEMÁTICO

Helen Moura Pessoa Brandão - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Nesse trabalho são apresentados relatos sobre as primeiras aproximações com o campo problemático da pesquisa, que busca cartografar os movimentos de *re-existências* aos modelos de mercado consumista e desenvolvimentista, dentro das universidades. Essa problematização foi provocada pelos pensamentos de Michel Foucault, ao trazer o conceito de *resistências* como criação de novas subjetividades. Devido a isso, trazemos *re-existências*, pois também acreditamos que ao resistir, esses movimentos criam novos modos de existência. O campo problemático abordado nesse trabalho é ambientado em uma região onde é intensa a atividade rural. Nesse contexto surgem movimentos de *re-existências* aos ditames consumistas e desenvolvimentistas, no ambiente de formação. Assim buscou-se por cartografar esses movimentos, acompanhando as redes de conversações que ocorrem na universidade. Ao investigar esses movimentos, observamos que o Grupo de Agricultura Ecológica Kapi'xawa atua na fomentação de vários desses movimentos, ao trazer ao ambiente acadêmico discussões sobre a dimensão ambiental das problemáticas locais.

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MOVIMENTOS DE RE-EXISTÊNCIAS NA UNIVERSIDADE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O CAMPO PROBLEMÁTICO

### RESUMO

Nesse trabalho são apresentados relatos sobre as primeiras aproximações com o campo problemático da pesquisa, que busca cartografar os movimentos de *re-existências* aos modelos de mercado consumista e desenvolvimentista, dentro das universidades. Essa problematização foi provocada pelos pensamentos de Michel Foucault, ao trazer o conceito de *resistências* como criação de novas subjetividades. Devido a isso, trazemos *re-existências*, pois também acreditamos que ao resistir, esses movimentos criam novos modos de existência. O campo problemático abordado nesse trabalho é ambientado em uma região onde é intensa a atividade rural. Nesse contexto surgem movimentos de *re-existências* aos ditames consumistas e desenvolvimentistas, no ambiente de formação. Assim buscou-se por cartografar esses movimentos, acompanhando as redes de conversações que ocorrem na universidade. Ao investigar esses movimentos, observamos que o Grupo de Agricultura Ecológica Kapi'xawa atua na fomentação de vários desses movimentos, ao trazer ao ambiente acadêmico discussões sobre a dimensão ambiental das problemáticas locais.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação ambiental; movimentos sociais; re-existências; universidade.

### INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

A universidade naturalmente apresenta um ambiente fértil para a mobilização social, onde coexistem uma multiplicidade de movimentos. Esses movimentos surgem como linhas de fuga em momentos onde provocações atravessam e afetam esses sujeitos.

Atualmente, a intensidade da devastação socioambiental e os crescentes movimentos ambientalistas, propiciaram que muitos sujeitos se tornassem sensíveis a essa realidade, sendo atravessados por suas ressonâncias. Nessa perspectiva, Isabel Orellana (2002) nos apresenta as potencialidades da Educação Ambiental (EA) na formação dessas inquietações. Segundo a autora, a EA possui como potencialidades, a provocação de pensamentos resistentes aos interesses de mercado, fomentando reflexões acerca da sustentabilidade socioambiental e proporcionando a sinergia na

formação de movimentos. Nessa leitura, a EA emerge como potencializadora de resistências, sendo a própria dimensão da EA um movimento de *resistências* aos ditames do modelo consumista e desenvolvimentista.

Nesse momento trazemos as reflexões de Michel Foucault ao utilizar o termo *resistências* ao invés de resistência, visto que, ao se pensar nas relações de poder, segundo o autor, não há um lugar de grande recusa, mas sim vários pontos de resistências, no plural (FOUCAULT, 1988).

Além disso, concordamos nesses estudos, com o pensamento de Foucault (1988) ao conceber que as resistências não se referem a apenas forças de oposição fadadas ao fracasso frente as relações de poder, mas “são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irreduzível” (p. 91-92), ou seja, onde há relações de poder, existem as resistências.

Na obra “*História da Sexualidade 2 o uso dos prazeres*”, Foucault (1984) traz o conceito de *estética da existência*, “[...] como a arte refletida de uma liberdade percebida como jogo de poder” (FOUCAULT, 1984, p. 220), nesse pensamento compreendemos os movimentos de resistências como movimentos de liberdade, produtores de novas subjetividades, criadores de novas possibilidades de existência, de territórios existenciais. Resistências como *re-existências*.

Assim, este trabalho busca compartilhar relatos de uma pesquisadora em suas primeiras aproximações com o campo de estudo, onde busca investigar os movimentos de *re-existências* ao modelo consumista e desenvolvimentista, criados no ambiente acadêmico, além de investigar as potencialidades da Educação Ambiental, na formação e provocação dessas *re-existências*.

## PROPONDO UMA METODOLOGIA

Esses movimentos a serem investigados, resistem e reexistem no ambiente acadêmico, ocorrendo de forma natural, uma vez que encontram um ambiente favorável a aprendizagens e questionamentos. Investigá-los pode nos ajudar na compreensão de como a EA provoca e cria possibilidades de *re-existências* para esses movimentos. Entretanto, como poderíamos investigar esses movimentos de *re-existências*, uma vez que já ocorrem naturalmente no ambiente acadêmico?

Deleuze e Guattari (2011) no primeiro volume de sua obra “*Mil Platôs*”, nos apresentam algumas pistas ao trazer reflexões sobre o conceito de rizoma e seus princípios. Para os autores não é possível encontrar o início ou o fim de um rizoma, “mas sempre um meio pelo qual cresce e transborda” (p. 43), além disso, o rizoma se refere a um mapa que deve ser construído, possuindo múltiplas entradas e saídas.

Dessa forma, acreditamos que os movimentos a serem investigados são rizomáticos, e assim como o mapa é construído e produzido à medida que os trajetos são enveredados, propõe-se cartografar os movimentos através das observações e reflexões que forem surgindo nos entremeios da pesquisa.

Para trilhar esse caminho, propomos acompanhar as redes de conversações que ocorrem na universidade, na perspectiva de Humberto Maturana (2001). Segundo o autor, nós existimos no fluir de nossas conversações e todas as nossas atividades acontecem como diferentes formas de conversações, que nos define e constitui o que a ela pertence.

Assim, acompanhar essas redes de conversações que ocorrem naturalmente no ambiente acadêmico pode nos apresentar pistas para mapear os movimentos de *re-existências* na universidade.

Ao acompanhar as redes de conversações no ambiente acadêmico, propõem-se produzir narrativas na concepção de Tristão (2013). Ou seja, criar diálogos, compondo com o coletivo. Nessa perspectiva, as narrativas compõem a pesquisa em um agenciamento coletivo, revelando a narrativa, como uma importante metodologia para acompanhar processos, experiências e *re-existências* criadas no universo da pesquisa.

## PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O CAMPO PROBLEMÁTICO

Observar e ao mesmo tempo compor com a pesquisa, envolve a complexidade de estudar os movimentos de *re-existências* na universidade. Como pesquisadora procuro observar e investigar esses movimentos, como professora me vejo em meio aos movimentos, assim como Passos e Barros (2010) concebem a cartografia. Segundo os autores, a cartografia nos pressupõe mergulharmos no plano da experiência, onde conhecer e fazer se tornam indissociáveis.

Não sei ao certo em que momento comecei a me envolver com esses movimentos, foi de forma muito natural. Lecionei para alguns alunos que se encontravam com outros, que também compartilhavam dos desejos de mudança e de ruptura com as políticas de desenvolvimento a todo custo, de consumo de massa. Esses movimentos em alguns momentos me puxavam para dentro como uma correnteza. E foi assim que aconteceu, dei um passo para entrar no mar ao participar de alguns encontros, e logo depois as ondas começaram a me levar, quando percebi estava em uma vivência com produtores rurais locais e meus alunos (Figura 1).



Figura 1 – Vivência na propriedade rural. Fonte: Arquivo pessoal.

Essa vivência, entre outras atividades, foi possibilitada pelo Grupo de Agricultura Ecológica *Kapi'xawa*. O *Kapi'xawa*, originário da língua tupi, que significa “terra de plantação” ou “pequena unidade agrícola”, é uma organização não governamental e sem fins lucrativos, sediada no campus da universidade, que teve seu início a partir de um grupo de estudantes do curso de Agronomia do campus, que questionava o modelo de agricultura convencional imposto nas aulas. O grupo foi criado em 1987, e em 2017 completou 30 anos de resistências, trazendo ao ambiente acadêmico discussões sobre a dimensão ambiental das problemáticas locais. Dentre algumas atividades do grupo, há a facilitação de rodas de conversa com compartilhamento de saberes populares, encontros com grupos folclóricos da região e vivências em propriedades rurais, aumentando a comunicação entre a universidade e a comunidade.

O grupo, ao trazer à universidade questões relacionadas a cultura e saberes populares locais, nos traz uma pista importante para a investigação, ao verificarmos a tendência da abordagem pós-colonial da EA dos movimentos fomentados pelo grupo (TRISTÃO, 2016).

Outra importante pista sobre os movimentos investigados, foi revelada ao observar como esses movimentos eram rejeitados pela maioria da comunidade acadêmica. Muitas ações sociais realizadas pelo grupo tinham pouca aceitação, sendo a maioria dos alunos da universidade indiferentes as causas dos movimentos. E mesmo com pouca aceitação acadêmica, sem incentivos financeiros e apoio da universidade, esses movimentos reexistem.

E nesse momento trazemos Foucault e Deleuze para formular uma tese preliminar. Esses movimentos reexistem em uma outra perspectiva, em uma que é possível para se manterem vivos, ativos, em um *mundo possível* para eles.

Foucault (1988) nos auxilia a fomentar essa tese ao conceber as resistências como produtoras de novas subjetividades, novas formas de existência. Já Gilles Deleuze (1974) em sua obra “*Lógica do Sentido*”, traz que cada um de nós cria para si um *mundo possível*, onde proclamamos a nossa possível realidade.

Neste contexto, problematizamos que os movimentos de *re-existências*, ao resistirem e criar novos modos de existência, cria para si um novo *mundo possível*, onde esses movimentos proclamam por suas lutas e seus ideais como formas de reexistir.

Os acontecimentos que se seguiram me motivaram a querer cartografar os movimentos fomentados pelo grupo e outros mais que forem surgindo nos entremeios dessa pesquisa, e enquanto isso estou me deixando levar, como uma criança sempre surpreendida em cada caminho desconhecido que passa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2ª Ed. 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG (Humanitas), 2001.

ORELLANA, Isabel. Buscando enfrentar los desafíos educativos contemporáneos: la estrategia pedagógica de la comunidad de aprendizaje en educación ambiental. In L., Sauvé, I., Orellana et M., Sato (Ed.), *Sujets choisis en éducation relative à l'environnement. D'une Amérique à autre. Textos escogidos en educación ambiental. De una América a otra. Textos escolhidos em educação ambiental. De uma América à outra*. (p. 221- 231). Montréal: Les Publications

ERE-UQAM, 2002.

PASSOS, Eduardo; Barros, Regina Benevides de. Pista 1: A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Líliliana (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2010.

TRISTÃO, Martha. Uma abordagem filosófica da pesquisa em educação ambiental. Revista Brasileira de Educação, v. 18, n. 55, p. 847-860, out./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Educação Ambiental e a descolonização do pensamento. Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Ed. Especial, p. 28-49, julho/2016.